

E Ele, o Pastor, reconhecerá os seus cordeiros e protegê-los-á dos lobos. Ao contrário, os cordeiros disfarçados de lobos são desmascarados e dilacerados. Um Padre da Igreja escrevia: «Enquanto formos cordeiros, venceremos; e mesmo que sejamos circundados por numerosos lobos, conseguiremos vencê-los. Mas se formos lobos, seremos derrotados, pois seremos privados da ajuda do pastor. Ele não apascenta lobos, mas cordeiros» (São João Crisóstomo, *Homilia 33 sobre o Evangelho de Mateus*). Se eu quiser ser do Senhor, devo deixar que Ele seja o meu pastor, e Ele não é pastor de lobos, é pastor de cordeiros mansos, humildes, bons para com o Senhor.

Ainda sobre o modo *como* anunciar, é impressionante que Jesus, em vez de prescrever o que levar em missão, diga o que *não* levar. Às vezes, vê-se algum apóstolo, alguma pessoa que se muda, algum cristão que se diz apóstolo e deu a vida pelo Senhor, e carrega muitas bagagens: mas isto não é do Senhor, o Senhor torna suave o nosso fardo e diz o que não devemos levar: «Não leveis nem ouro, nem prata, nem dinheiro nos vossos cintos, nem alforge para a viagem, nem duas túnicas, nem sandálias, nem cajado» (vv. 9-10). Não levar nada. Diz para não nos apoiarmos em certezas materiais, para ir ao mundo sem mundanidade. É o que se deve dizer: vou ao mundo não com o estilo do mundo, não com os valores do mundo, não com a mundanidade - e para a Igreja, cair na mundanidade é o pior que pode acontecer. Vou com simplicidade! Eis como se anuncia: mostrando Jesus, mais do que falando de Jesus. E como mostramos Jesus? Com o nosso testemunho. Em síntese, caminhando *juntos*, em comunidade: o Senhor envia todos os discípulos, mas ninguém vai sozinho. A Igreja apostólica é toda missionária e na missão encontra a sua unidade. Portanto: ir mansos e bons como cordeiros, sem mundanidade, e ir juntos. Eis a chave do anúncio, eis a chave do bom êxito da evangelização! Aceitemos estes convites de Jesus: as suas palavras sejam o nosso ponto de referência!

O zelo apostólico do crente - 5. O protagonista do anúncio: o Espírito Santo

No nosso itinerário de catequeses sobre a paixão de evangelizar, hoje recomeçamos pelas palavras de Jesus que ouvimos: «Ide, pois, e fazei discípulos de todas as nações, batizando-as em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo» (Mt 28, 19). *Ide*, diz o Ressuscitado, não para doutrinar, nem para fazer prosélitos, não, mas para *fazer discípulos*, ou seja, para oferecer a cada um a possibilidade de entrar em contacto com Jesus, de o conhecer e de o amar livremente. *Ide, batizando*: batizar significa imergir e, portanto, antes de indicar uma ação litúrgica, exprime uma ação vital: imergir a própria vida no Pai, no Filho, no Espírito Santo; experimentar todos os dias a alegria da presença de Deus que está próximo de nós como Pai, como Irmão, como Espírito que age em nós, no nosso próprio espírito. Batizar significa imergir-se na Trindade.

[Continua...]



LEVAR JESUS A TODOS E TODOS A JESUS

ANO – B

**DOMINGO X
DO TEMPO COMUM**



«CHEGOU A HORA EM QUE VAI SER EXPULSO O PRÍNCIPE DESTE MUNDO, DIZ O SENHOR...»

INTENÇÕES PARA A SEMANA

- Pelos aniversariantes da Comunidade
- Pelas famílias que rezam unidas
- Pelos Movimentos de Apostolado
- Pelas intenções do Santo Padre
- Pelas intenções do nosso Arcebispo

Escutar a Palavra

Gênesis 3, 9-15 |
Salmo 129 (130), 1-2.3-4ab.4c-6.7-8 |
2 Coríntios 4, 13 – 5, 1 |
Marcos 3, 20-35 |

Viver a Palavra

«e quando Eu for levantado da terra, atrairei todos a Mim»

Fazer parte da família de Jesus é a vocação fundamental dos cristãos de todos os tempos. Por isso, são chamados a formar comunidade, que está centrada na pessoa de Jesus e que tem como única missão fazer a vontade de Deus em todas as circunstâncias da vida. É a isso que chama o Evangelho quando Jesus apresenta a sua verdadeira família: é quem faz a vontade de Deus e toma lugar ao redor de Jesus. Sinto que vivo em comunhão com Jesus? Quais os sinais dessa familiaridade?

Forjães (Santa Marinha) – Intenções de 10 a 16 de junho de 2024

Segunda, 18h30: António Viana Torres (Aniv. nasci.to)|Avelino Faria dos Santos (Aniv. faleci.to)|Adelino da Silva Casal (CA)|José Arantes Moreira (CA)|Marçal da Costa Macedo (CA).

Terça, 18h30: Adelino da Silva Casal |Maria Salete Silva de Sá (CA)|Paulina Martins Gomes (CA)|Arnaldo Jorge da Cruz Faria Ribeiro (CA)|Laurinda Gonçalves Pereira, marido e família (CA)|Maria Gonçalves da Costa e marido.

Quarta, 18h30: Maria Alves Pereira e marido|Albino do Vale Martins e esposa|Maria Idalina da Costa Arantes Silva, pais e irmãos|Maria de Fátima Sá Ribeiro Jaques, mãe e tia Emília|Amélia Dias de Almeida (CA)|António Alves Rolo (CA)|Horácio da Costa e Silva (CA)|Laura Fernandes Ribeiro, marido e Carolina Fernandes Ribeiro.

Quinta, 18h30: António Faria Ribeiro (Aniv. faleci.to)|Irmã Religiosa Emília Rodrigues Azevedo|Adélia Rodrigues de Sá|Joaquim Rodrigues da Cunha, filha e genro|Rosa Esteves Lobato (CA)|António Faria Ribeiro (CA)|Maria Celeste Queirós Ribeiro (CA)|Manuel Soares de Carvalho|Honra de Nossa Senhora de Fátima|Artur Neiva Rolo e família|Maria dos Santos Quesado e marido|Domingos Torres da Cruz, esposa e filho|Júlia da Conceição Martins dos Santos e marido.

Sexta, 18h30: Nuno Filipe de Faria Torres (CA)|Manuel Augusto Lima da Cruz (CA)|Álvaro da Silva Pinto Brochado (CA).

Sábado, 18h30: Alminhas e seus devotos (Madorra)|Arnaldo Jorge da Cruz Faria Ribeiro|Álvaro da Silva Pinto Brochado|Gabriel Sinaré, filho Paulo e sogros|Honra de Nossa Senhora de Fátima|António Ribeiro de Faria e Silva|Maria de Lurdes Rodrigues Dias|Olívina Sousa da Silva|Carolina Faria Torres e marido|Pe. Joaquim Lima.

DOMINGO XI COMUM, 9h00: António Viana Torres|Maria de Lurdes Costa, marido e filho|António Quesado Sinaré e sogros|Olívina Miranda Ribeiro Torres|Albino Ribeiro de Sá, Maria José e pais.

DOMINGO XI COMUM, 11h15: Albino Martins Ribeiro Gomes e família|Alberto Faria da Silva e esposa|Cândida Almeida Sampaio, marido e filho|Honra de Nossa Senhora de Fátima, honra de Nossa Senhora da Ajuda, honra de Nossa Senhora das Dores e honra de S. José|Porfírio Dias Marcelo Oliveira e pai.

Atendimento: Quintas e Sábados, das 16h30-18h00 - Contacto: 253 871 153 (966 310 616)

Meditando a Palavra - «QUEM É MINHA MÃE E MEUS IRMÃOS?»

O 10.º Domingo do Tempo Comum gravita à volta da identidade de Jesus e da comunhão que Ele deseja.

No **Evangelho**, Jesus demonstra que, na sua atividade de libertação do poder do mal. Ele vem, para libertar os as pessoas de todos os tempos. Também nisso está a fazer a vontade de Deus e convida todos a fazer comunidade centrada na sua pessoa e decidida a construir um mundo que se baseie neste desejo de fazer a vontade de Deus.

DATAS E INICIATIVAS DO CONSELHO PASTORAL PAROQUIAL

- **09| DOMINGO X DO TEMPO COMUM – Festa de Nossa Senhora da Graça:** Eucaristias, às 9h00 (igreja Matriz); saída da procissão para a Capela; às 11h15 (Eucaristia em honra de Nossa Senhora da Graça); às 16h30, Oração Meditada, Sermão e Procissão. PARTICIPEMOS!
- **12|** Reunião do Conselho Económico, às 21h15.
- **13|** Visita aos doentes e idosos da Comunidade a partir das 9h00; Adoração ao Santíssimo, às 17h30.
- **15|** Confissões para a Profissão de Fé (6º ano), às 10h00.Eucaristia Vespertina, às 18h30.
- **16| DOMINGO XI DO TEMPO COMUM:** Eucaristias, às 9h00 e 11h15 (Festa da Eucaristia/Primeira Comunhão – 3º ano) | Concerto da Orquestra da Costa Atlântica, às 16h30, na igreja Matriz de Forjães.

HOMILIA NO ENCERRAMENTO DO 5.º CONGRESSO EUCARÍSTICO NACIONAL

«Reconheceram-No ao partir do pão» (Lc 24,35). Este foi certamente o ponto focal do 5º Congresso Eucarístico Nacional, que nos propõe o sacramento eucarístico como possibilidade de reconhecer o Ressuscitado no meio de nós. Foi isso que aconteceu aos discípulos de Emaús, num momento em que se sentiam desorientados e sem ela, quase cedendo à tentação de partir em retirada. Conosco não poderá ser de outra maneira.

Pensemos no significado do pão. Um poeta escreveu que o pão repete a imagem do ventre da mãe, pois está associado à germinação, à plenitude e à vontade de viver. É verdade! O homem não pode viver sem pão.

O horizonte da nossa humanidade não se esgota na pura materialidade. Se pensarmos bem, causa arrepios a altíssima dignidade que Deus concedeu ao Ser Humano: «Deus que disse, “Das trevas brilhará a luz” fez brilhar a luz em nossos corações para que se conheça em todo o seu esplendor a glória de Deus, que se reflecte no rosto de Cristo»: espelhar no rosto de cada ser humano o Seu próprio rosto. // Do mesmo modo, quando o Evangelho de Marcos apresenta Jesus como o “Senhor do sábado” sublinha que Ele oferece uma visão inovadora sobre como se interpreta a vida e o pão, pois desloca-nos da dureza de coração à disponibilidade para procurar e salvar a vida frágil, ferida ou perdida. Jesus vem dizer-nos que é possível caminhar nessa direcção. De facto, se não sentirmos esse desafio a intervir para remover aquilo que atrofia a existência dos nossos semelhantes é porque estamos, mesmo sem nos darmos conta, espiritualmente atrofiados. Desde os inícios, a Eucaristia vem designada como «a fracção do pão», porque Jesus é claro conosco: a vida torna-se generativa e fecunda na medida em que arrisca ser vida repartida e partilhada. Só dessa maneira. A eucaristia oferece-nos o mapa e a viagem. O pão que se concentra apenas na sua autopreservação depressa endurece e ganha bolor. Só quem aceita a lição de Jesus descobre a própria existência como sementeira, transmissão de afecto, inscrição da esperança, nutrimento

fraterno. Recordo o que disse, num campo de concentração, uma das grandes vozes místicas do século XX, Etty Hillesum: «Desejo ajudar Deus e tornar-me eu própria pão para inúmeras fomes». Celebrar a Eucaristia é assumir a responsabilidade de se fazer pão. // Queridos irmãs e irmãos, para a Igreja em Portugal este Congresso não é apenas um enésimo encontro para falar de si mesma: é uma oportunidade para relançar o ela e a esperança; para readquirir uma juventude de alma capaz de renovar a sua proposta e seu estilo; para viver um sobressalto de futuro aprofundando o que pode significar hoje a Espiritualidade Eucarística. // Há cinquenta e há cem anos atrás, exactamente aqui em Braga, a Igreja nacional viveu congressos eucarísticos procurando novas formas de presença cristã no mundo e novas linguagens para a evangelização. No ano em que celebramos 50 anos da democracia portuguesa, voltamos a celebrar o congresso eucarístico para repensar o contributo da Igreja na nossa sociedade em acelerada transformação e que experimenta desafios epocais tão grandes como, por exemplo, as alianças intergeracionais e interculturais a construir urgentemente no Portugal contemporâneo. Uma aliança que garanta o pão do futuro para os jovens hoje cercados pela precariedade e o pão do amor para os mais velhos que não podem ser postos fora da equação social porque já não são produtivos. Uma aliança que assente na compreensão da diversidade cultural como um enriquecimento comunitário e não como uma barreira à colectiva maturação do bem-comum. Há uma frescura, há um odor a Evangelho vivo, há uma imaginação do bem, que os nossos contemporâneos esperam da Igreja. São talvez três, nesta hora, os grandes chamamentos fundamentais.

1.Primeiro, a Igreja em Portugal é chamada a ser uma Igreja *Eucarística*. Isto é, uma Igreja que não se coloca a si mesma como prioridade, mas no centro coloca Cristo e retoma Dele as Palavras e os gestos, o modo de olhar cada pessoa e a visão global sobre a vida. Uma Igreja eucarística é o contrário de uma Igreja clericalista: é uma Igreja configurada sinodalmente, que valoriza a participação de todos os baptizados, que reconhece o papel do ministério ordenado, que cuida dos seus pastores e os acarinha, que investe nos ministérios laicais, que promove uma cultura eclesial de co-responsabilidade, que lê com profecia o lugar da mulher na Igreja. A Igreja Eucarística é uma Igreja de “portas abertas”, que quer ser pão. Uma Igreja que vê clara a continuidade entre o santo fervor da comunhão traduzida naquilo que São João Paulo II, descrevia como «a fantasia da caridade». // 2. Em segundo lugar, a Igreja em Portugal é chamada a ser uma Igreja *Samaritana*. Uma Igreja que actualiza a linguagem da compaixão. Uma Igreja de proximidade: «as alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias dos homens de hoje, sobretudo dos pobres e todos aqueles que sofrem». Uma Igreja especialista em humanidade que, como insiste o Papa Francisco, «não aponta o dedo, mas abre os braços». Uma Igreja enamorada pelo Evangelho e mobilizada pelo Seu anúncio. Recordo as palavras que não longe daqui escreveu o monge-poeta Daniel Faria: «escrevo para os que morrem sem nunca terem provado o pão/ Grito-lhes: imaginai o que nunca tivestes nas mãos!». A Igreja samaritana é aquela que multiplica os tempos de escuta, capaz de ser artesã de encontros para lá da sua zona de conforto ou do seu perímetro habitual, capaz de diálogos e de abraços que testemunham a maternidade e a paternidade incondicionais de Deus. // 3. Em terceiro lugar, a Igreja em Portugal é chamada a ser uma “Igreja mariana”, esta que é a Terra de Santa Maria, aquela em cuja história Maria foi uma presença matricial e contínua. «Sem a Mariologia o cristianismo ameaça desumanizar-se inadvertidamente». Destacaria alguns traços da espiritualidade mariana que somos desafiados a redescobrir. // **a)** O primeiro deles é a *gentileza*. Na visita a Isabel, o evangelista Lucas afirma que Maria viaja apressadamente porque assume não a reivindicação do seu conforto, mas a urgência que o outro estava a viver. Uma vez chegada a casa de Isabel não toma a palavra em primeiro lugar. A gentileza é a expressão de um coração desarmado e manso. O mundo precisa de comunidades crentes, que sejam reservas de gentileza e de cuidado. // **b)** O segundo traço é a *contemplação*. A Igreja tem necessidade de fazer prevalecer, em vez de uma máquina funcionalista, a sua dimensão mística. A Igreja só interceptará a sede de espiritualidade do nosso tempo se também ela se colocar a caminho, peregrina das perguntas em vez de rotineira gestora de respostas. Talvez a Igreja precisa de re-aprender muitos deste peregrinar, como vivemos hoje, subindo ao Sameiro como Povo que canta a Deus as suas lágrimas e os seus sonhos. Não tenhamos medo dos recomeços! É que para escutarmos até ao fundo a Palavra de Deus, precisamos talvez pensar que ainda não a escutamos. Para celebrar a Eucaristia como mistério, temos que sentir e alimentar mais em nós um grandioso espanto. A fé mais necessária ao presente é, sem dúvida, a dos contemplativos, a dos enamorados da busca de sentido, a dos que se deixam esculpir pelo silêncio e, desse modo, recomeçam a aventura larga que o crer representa. // **c)** O último traço é a *beleza*. Como o pão é o alimento para o corpo, a beleza é o nutrimento da alma, sem o qual ela não persiste, nem ganha asas. Com Maria, a Igreja aprende a ser custódia e artefacta da beleza. A começar pela beleza da Eucaristia, que tem de ser celebrada como uma “obra de arte” e vivida como a obra-prima que Jesus. Precisamos de uma nova mistagogia que inicie os cristãos na beleza de que são depositários. // Também, por causa da beleza, celebramos esta eucaristia de acção de graças no Encerramento deste 5º Congresso Eucarístico Nacional sob o olhar imenso, sob o olhar mais belo da Senhora do Sameiro. E as nossas derradeiras palavras são para ti, Senhora, comovidos e confiados no teu esplendor. Como transportaste Jesus no teu seio, transporta a Igreja nesta hora de relançamento e esperança. Como apertaste Jesus contra o teu peito, dá-nos o afago e o estímulo dessa ternura. Como iluminaste o teu Filho com o materno sorriso, ilumina-nos, Mãe, agora. E como reza o cântico popular deste teu povo, querida Senhora do Sameiro, olha por estes teus filhos aqui presentes, «Tu podes, porque és a mãe de Deus, e deves porque és a nossa mãe!».

(José Tolentino Card. de Mendonça)

